

# Manuel Teixeira Gomes

## O Fulgor dos Corpos

Por Lúcia Jorge.

Quando se lê apressadamente Manuel Teixeira Gomes, pensa-se que se trata de um diletante, mas uma vez lido devagar, compreende-se que afinal se está perante alguém que se deslumbrou em coerência com a harmonia da natureza, a beleza da vida em seu estado puro, e a fluidez dos corpos como argumento e matéria prima da sua escrita.

As experiências estéticas que o modernismo então corporizava pela Europa fora, colocam Manuel Teixeira Gomes como um criador do seu tempo, munido dos instrumentos que a sua época, aberta às experiências totais, ou mesmo abissais, proporcionavam. A apresentação de *A Sagração da Primavera* de Stravinsky e Nijinsky em Paris, a 29 de Maio de 1913, serve de marco nessa experiência exuberante do espírito e dos sentidos, síntese palpável de uma revolução na Arte que estava em marcha. Não admira, pois, que Manuel Teixeira Gomes, um cosmopolita refinado, tenha absorvido a invenção e a liberalidade que andavam pelo ar. Mas não deixa de causar admiração que Manuel Teixeira Gomes tenha sido tão intrinsecamente coerente, mantendo casadas a arte e a experiência de vida na dimensão estética. A sua escrita representava um sobressalto. A sua noção de pudor distanciava-o da pacatez beata portuguesa que o aborrecia. Por isso descreveu a beleza dos corpos masculinos, sem preconceito nem receio de que confundissem a Arte com homossexualidade, e a beleza das jovencinhas, sem medo de que lhe atribuissem epítetos extravagantes. Apaixonou-se pelas formas humanas como pela Natureza livre.

Aliás, a sensualidade, o hedonismo e o erotismo na escrita de Manuel Teixeira Gomes foram uma forma de exercitar a ânsia de liberdade, a mesma liberdade que desejou para si próprio, separando-se com um rasgão ruidoso da vida pública em Portugal. Os dois modos são apenas um, com duas faces. - Queixas de incompreensão por parte do seu país ingovernável e maçador? Sim, claro.

Na carta escrita a António Patrício, Manuel Teixeira Gomes escreveu - *“Para aqueles a quem falta, na composição do sentido estético, a intuição da nudez pudica, não há concepção possível da carne sem lubricidade. Um efebo nu é sempre, no seu entender, espectáculo só apreciável a sodomitas”*.

Como sintetizar o seu compasso com o tempo estético europeu e o descompasso com a alma do seu país? Apenas uma nota - Para que a sua vida e obra fossem coerentes, veio em seu socorro, em 17 de Dezembro de 1925, um barco buscá-lo para o outro lado do mar, com o nome de um deus grego. Por certo que durante o percurso que o deixou em Oran, Manuel Teixeira Gomes deve ter imaginado um corpo resplandecente, uma auréola divina, um ceptro de ouro, uma cadeira de esmeraldas. E não se importou de viver os últimos dezasseis anos da sua vida alimentando esses sonhos gregos em terras árabes.